

México recebe hoje propostas dos bancos pelos títulos da dívida

Centenas de bancos estrangeiros estavam dando ontem os retoques finais às suas propostas secretas pelos novos títulos da dívida oferecidos pelo México dentro de um programa inovador para reduzir parte de sua enorme dívida externa de US\$ 105 bilhões.

Os cerca de 560 bancos credores do México têm prazo até hoje (sexta-feira) às 18 horas (hora de Brasília) para participar do programa, montado pelo governo, para tentar reduzir sua elevada dívida, a segunda maior do Terceiro Mundo, depois do Brasil.

Christiane Bindert, vice-presidente sênior da empresa financeira Shearson Lehman Brothers Inc. em Nova York, disse que o programa "deverá ter muito sucesso, com grande participação, particularmente de bancos europeus e de bancos regionais norte-americanos".

Contudo, os grandes bancos norte-americanos não deverão tomar parte nesse programa.

"Eles (os mexicanos) vão ter alguns participantes", disse um banqueiro europeu que falou à AP/Dow Jones com a condição de não ser identificado. "O problema é saber quantos e a que preço."

O novo programa envolve a troca de parte da dívida do México aos bancos comerciais estrangeiros por novos bônus de vinte anos de maturação que serão emitidos pelo governo mexicano, lastreados por uma emissão de bônus do Tesouro norte-americano.

Os analistas duvidam que o governo seja capaz de converter o "pacote" inteiro de US\$ 10 bilhões. Os funcionários mexicanos — dizem os analistas — gostariam de vender pelo menos US\$ 3 bilhões de novos bônus.

RESISTÊNCIA DOS INGLESES

Em Londres, banqueiros e observadores disseram que os bancos britânicos provavelmente não oferecerão uma porção significativa de seus empréstimos ao México.

Os grandes bancos britânicos foram cuidadosos em não ofender os mexicanos e deram publicamente destaque aos benefícios do plano, usando certas expressões, como "inovador" e "um passo na direção certa". Mas muitos disseram também que consideram a proposta mexicana como uma forma de alívio da dívida e que o plano só é viável como uma estratégia de saída para os bancos europeus menores e os pequenos bancos regionais dos Estados Unidos.

Fed facilita a conversão

O banco central dos Estados Unidos (Federal Reserve Board — Fed), a pedido dos bancos, tornou mais flexível algumas normas bancárias para permitir às instituições financeiras americanas converterem dívidas externas em capital de empresas privadas (não-financeiras) nos países em desenvolvimento fortemente endividados.

A medida, que entrou em vigor na quarta-feira, amplia a revisão dos regulamentos feita, em agosto passado, para permitir que os bancos, mediante conversão de dívida oficial em capital, sejam donos de até 100% de empresas não-financeiras compradas de governo de países em desenvolvimento, segundo informou a UPI.

Os regulamentos, que favoreciam a privatização de atividades, davam aos bancos flexibilidade para reduzir sua exposição de risco creditício, mas foi considerada pelos bancos "insuficiente".

Alguns elementos-chave da nova medida são:

- Os bancos podem realizar investimentos de até 40% das ações de qual-

quer empresa do setor privado em países em desenvolvimento altamente endividado.

- Prolonga-se substancialmente o período em que se permite aos bancos manterem os investimentos que realizem por meio de conversões, a até quinze anos em lugar dos cinco originais, que podiam ser estendidos à dez com permissão do Fed. Os bancos poderão manter seus investimentos por dois anos além do período durante o qual a completa repatriação do investimento é restringida pelo país devedor. Esse período é, no máximo, de quinze anos.

- Os investimentos podem ser feitos sob as regras gerais de consentimento, que não requeiram aviso prévio ao Fed, a menos que seu total ultrapasse US\$ 15 milhões ou 1% do capital social do banco.

A lista de países aos quais se aplicam as novas medidas no hemisfério ocidental são a Argentina, a Bolívia, o Brasil, a Colômbia, a Costa Rica, o Chile, o Equador, a Guiana, a Jamaica, o México, o Panamá, o Peru, o Uruguai, a República Dominicana e a Venezuela.

Os banqueiros britânicos afirmam que provavelmente não participarão, principalmente porque irão perder dinheiro na troca. Os bancos britânicos fizeram provisões que cobrem cerca de 20 a 25% de seus empréstimos mexicanos e os mexicanos indicaram que desejam trocar seus empréstimos a um desconto de cerca de 50%.

JAPONESES TEMEROSOS

Em Tóquio, um alto funcionário bancário japonês previu ontem que os grandes bancos internacionais "se desinteressarão" da proposta mexicana se seus prejuízos sobre o empréstimo original forem superiores a 25%.

O funcionário, Yoh Kurosawa, vice-presidente do Banco Industrial do Japão, observou que alguns bancos norte-americanos, inclusive o Citibank, têm provisões para perdas de até 25% sobre a dívida descontada. Se o desconto for "maior do que 25%, então os grandes bancos não se interessarão". E explicou que se o número for, por exemplo, de 30%, "isso significa que eles deverão fazer uma provisão adicional de 5% para as perdas" (sobre o empréstimo original).

A maioria dos bancos japoneses se mantém ainda cautelosa em relação ao leilão de bônus em troca de dívidas mexicanas a ser realizados hoje, mas alguns poucos provavelmente irão apresentar algumas grandes ofertas, disseram fontes bancárias em Tóquio.

Segundo fontes bancárias contactadas pelo Knight Ridder Financial News em Tóquio, os bancos japoneses provavelmente oferecerão descontos entre 20 e 35%.

Embora o governo japonês venha permitir que os bancos contabilizem como dedutíveis do imposto todos os prejuízos incorridos na troca de bônus por dívidas, essa transação ainda não é muito atraente para os principais credores do México, disseram funcionários bancários.

OS SUÍÇOS

Em Zurique, o Crédit Suisse informou que está disposto a tomar parte no plano do México.

"Em princípio, estamos dispostos a participar do plano", disse uma porta-voz do banco à agência Reuters, sem acrescentar mais nada.

O Swiss Bank Corp. já anunciou que está preparado para trocar um terço de seus empréstimos ao México por bônus de saída, lastreados por títulos do Tesouro norte-americano.

O Union Bank of Switzerland (UBS), maior banco suíço, esclareceu, porém, que não tomará parte no plano de emissão de bônus do México.

Guido Hanselmann, diretor-geral, disse que o UBS considera o plano conveniente para os credores menores do México, mas acrescentou que seu banco não tomará parte.

Hanselmann não revelou quanto o México deve ao UBS, mas disse que dez países latino-americanos e as Filipinas devem em conjunto ao UBS um total de 2,7 bilhões de francos suíços.

(AP/Dow Jones — Reuters)